

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A POLISSEMIA DO TERMO “DISCURSO” A PARTIR DA ANÁLISE DE
PRODUÇÕES CIENTÍFICO-ACADÊMICAS EM PESQUISAS SOBRE
EDUCAÇÃO SUPERIOR NA BDTD (2014-2020)

Sabrina Ferreira da Silva

Rio de Janeiro
2023

SABRINA FERREIRA DA SILVA

A POLISSEMIA DO TERMO “DISCURSO” A PARTIR DA ANÁLISE DE
PRODUÇÕES CIENTÍFICO-ACADÊMICAS EM PESQUISAS SOBRE
EDUCAÇÃO SUPERIOR NA BDTD (2014-2020)

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/ Literaturas.

Orientadora: Prof. Dra. Mônica de Souza Hourí

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por ter me permitido viver essa experiência incrível e por ter colocado pessoas maravilhosas no meu caminho durante a minha graduação.

À minha mãe Sonia, que investiu nos meus estudos e esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis. Obrigada por ser a melhor mãe do mundo. Sem você, nada disso seria possível.

À minha irmã Simony, que me apresentou o curso de Letras quando eu ainda era criança e sempre foi a minha grande inspiração. A nossa Flora também receberá todo incentivo e suporte.

Ao grande amor da minha vida Rodrigo, que esteve ao meu lado desde o primeiro dia na UFRJ e permanece apoiando todos os meus sonhos.

À minha orientadora Mônica de Souza Houri, que se tornou uma amiga para todos os momentos. Agradeço imensamente os ensinamentos ao longo dos últimos anos.

À minha companheira de pesquisa e grande amiga Patrícia, por fazer parte deste estudo tão significativo e importante para mim.

Aos grandes amigos que fiz durante essa caminhada e que sempre apoiaram as minhas decisões.

Aos professores da Faculdade de Letras e Faculdade de Educação, que mudaram completamente minha maneira de existir no mundo.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	5
II. PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA	7
2.1 Pistas do método da cartografia - o caminho (hódos metá)	7
2.2 Análise Cartográfica do Discurso - Tinha um livro no meio do caminho, no meio do caminho tinha um livro	14
III. POLISSEMIA DO TERMO DISCURSO - CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO CÓRPUS	18
3.1. Análise de gráficos - análise quantitativa	18
3.2. A polissemia e os usos variados do termo “discurso” nos estudos sobre Educação Superior	22
IV. CONCLUSÃO	27
V. REFERÊNCIAS	30

I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso surgiu a partir da pesquisa de Iniciação Científica (IC) da qual fiz parte por dois anos: “Educação superior e práticas discursivas: visibilizando conexões”, orientado pela professora Dra. Mônica de Souza Hourí. O objetivo deste estudo de IC foi mapear a produção na esfera discursiva científico-acadêmica sobre a interseção dos seguintes descritores: discurso/prática discursiva, educação superior e permanência. Para esse mapeamento, escolhemos os textos de dissertações e teses das universidades brasileiras, constantes da base de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)¹.

Durante a minha caminhada na pesquisa mencionada, a utilização do campo semântico da palavra “discurso” presente nas produções das pós-graduações nacionais - o *cópus*, aqui entendido como a seleção de textos a serem analisados, perfazendo o total geral de 200 textos - despertou a minha atenção especialmente pelo fato do termo contar com diferentes sentidos e vertentes. Por isso, a sua pluralidade de significações em diferentes áreas do conhecimento foi o recorte escolhido para o trabalho monográfico ora em tela.

Na pesquisa PIBIC houve um movimento de categorizar o discurso: (1) segundo as suas vinculações teóricas, (2) de acordo com o sentido que lhe era dado, como por exemplo um sinônimo de texto, ou de pronunciamentos, ou de teorias (3) segundo os filiados ou não aos estudos do Discurso e da Análise do Discurso (AD) como recursos de pesquisa dentro do descritor Educação Superior.

No entanto, na perspectiva cartográfica (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015) que adotamos desde o início, mesmo com o objetivo de categorizar essas ocorrências, havia lacunas em nosso processo. O que nos fez compreender mais desse emaranhado de significados sobre o discurso foi a obra *Análise Cartográfica do Discurso*, dos autores Bruno Deusdará e Décio Rocha. A obra nos trouxe respostas e mais algumas reflexões sobre a utilização do termo polissêmico discurso. Portanto, a minha motivação para este trabalho somou-se à leitura da obra mencionada e à minha visão sobre como a AD se configura na pesquisa científico-acadêmica dentro do viés da abordagem cartográfica (PASSOS, KASTRUP, 2015), que me acompanhou desde o início da pesquisa.

É importante ressaltar que o meu olhar sobre a Análise do Discurso se dá por um ponto de vista que excede os limites do texto. Ou seja, entendo que estudar o discurso nos

¹ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações é uma base de dados livre que surgiu em 2002 e passou por uma série de modificações e atualizações ao longo do tempo. Atualmente, é uma das maiores bases de dados de divulgação de diversas áreas de pesquisa acadêmica do Brasil. Nossa pesquisa baseou-se no recorte temporal de 2014 a 2020.

coloca num “posto de observação” de fenômenos sociais. Deusdará e Rocha (2021) reforçam a ideia da concepção do discurso como prática, portanto, não é possível dissociar a produção textual da produção social. Discurso, nessa perspectiva, não é um sinônimo para texto - ou como os autores mencionam, somente um objeto empírico -, mas faz parte de uma construção social.

Portanto, este trabalho se entrelaça com a pesquisa de IC, mas ganha novos olhares, justamente pelo o que foi construído ao longo desses dois anos, e pela curiosidade e vontade de estudar cada vez mais essa área que já se constituía como um interesse desde os meus primeiros passos na graduação em Letras, em 2017. Embora a Análise do Discurso, e as Teorias do Discurso tenham atravessado diversas disciplinas que cursei nesses cinco anos, o seu significado ainda era um grande enigma para mim. Percebi que esses questionamentos poderiam se tornar um objeto de estudo e, dessa forma, a pesquisa em tela faz um pouso atencional na investigação acerca desses muitos sentidos e, conseqüentemente, na dinâmica de mapeá-los (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA 2015).

Afinal, o que as produções científico-acadêmicas, das mais diversas áreas do conhecimento, chamam de discurso? Quais são as diferenças entre os discursivistas, ou seja, autores e vertentes que utilizam do Discurso e da Análise do Discurso como perspectiva teórico-metodológica? Por que escolher um e não outro? Essas e outras perguntas me atravessaram durante a minha formação como pesquisadora e atrelado ao desejo de compreender os estudos da linguagem sobre essas produções, encontrei o meu tema para monografia.

A relevância, em diferentes camadas, aparece também na conclusão da pesquisa IC, ou seja, há grande ocorrência dos estudos sobre o discurso nas pesquisas acerca dos processos de democratização e formação universitária; também se configura pelo esforço de melhor mapear, ou cartografar, o campo dos estudos do discurso, considerado um potente “posto de observação” das dinâmicas configurações histórico-sociais, sobretudo nas perspectivas da pesquisa intervenção. Por último, aponto a relevância para a minha trajetória como profissional da área da linguagem, pois foi importante finalmente compreender o campo dos estudos do discurso e, desse modo, consubstanciar e qualificar meus próximos passos como pesquisadora.

Para construção deste trabalho, houve a seguinte organização de capítulos: o capítulo II contempla a perspectiva cartográfica e algumas das pistas, etapas e gestos que me acompanharam ao longo dessa caminhada, e também, uma análise conceitual sobre a Análise Cartográfica do Discurso, obra que trouxe algumas reflexões importantes sobre a AD. Já no

capítulo III, o objetivo central é desenvolver a análise do *cópus* a partir do que foi coletado e construído segundo os resultados obtidos na base de dados escolhida, conforme o recorte temporal de 2014 a 2020. E por fim, no capítulo IV teremos as considerações finais da pesquisa.

II. PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA

2.1 Pistas do método da cartografia - o caminho (*hódos-metá*)

Desde o início da minha imersão nesta pesquisa, que torna-se agora o meu trabalho de conclusão de curso, lancei mão dos recursos da abordagem teórico-metodológica do método da cartografia como suporte para a minha entrada no campo. Com isso, a obra “Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, organizada pelos autores Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia, fez parte da trajetória da pesquisa que foi base para esta monografia.

O livro conta com oito pistas que sistematizam uma abordagem teórico-metodológica que parte da seguinte inversão: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá* (PASSOS e KASTRUP, 2015). A troca proposta pelos autores demonstra a importância de experimentação do caminhar como princípio, ou seja, de uma pesquisa que se constrói ao longo do processo seguindo as pistas que emergem no caminhar. Seja o princípio como sinônimo de “início” ou o princípio que também carrega o significado de “razão”.

Atentos ao que desconhecemos, com uma atenção fora do foco, orientados por uma atitude de *espreita* (*ethos* da pesquisa), o cartógrafo se guia sem ter metas predeterminadas. Seu caminho (*hodós* da pesquisa) vai se fazendo no processo, indicando essa reversão metodológica que a cartografia exige (*hodós-metá*). Por isso a ocupação de um território numa pesquisa não pode ser iniciada com um problema fechado, sabendo de antemão o que se busca. Tal posicionamento fecha o encontro com a alteridade do campo territorial, permitindo muitas vezes só encontrar o que já se sabia ou, o que é muito pior, não enxergando nada além dos seus conceitos e ideias fixas. Portanto, para o aprendiz-cartógrafo o campo territorial não tem a identidade de suas certezas, mas a paixão de uma aventura. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p.138)

Dessa maneira, encarar a minha pesquisa a partir da inversão proposta pelos autores da obra em análise significa construir minhas metas conforme o processo dentro do território. Isso me fez perceber que se eu tivesse iniciado a minha pesquisa com perguntas fixas e imutáveis, correria o risco de contemplar somente um ponto isolado de um universo tão vasto

e rico. O contato com as teses e dissertações de diversos autores fez com que perguntas surgissem durante a minha caminhada, justamente o que se observa ao encarar o campo territorial como uma verdadeira aventura. Esse conceito me ajudou a observar e constatar as diversas possibilidades que foram surgindo ao longo da formação do meu *cópus*, fazendo com que a cada leitura e a cada contato com o objeto novos caminhos surgissem.

Segundo o dicionário Priberam², o conceito de *cópus* pode ser entendido como “1. Colectânea acerca de um mesmo assunto.; 2. Conjunto de documentos que servem de base para a descrição ou o estudo de um fenómeno”. Dessa forma, entende-se, muitas vezes, que o *cópus* é puramente um conjunto/reunião de itens que são categorizados dentro de um mesmo universo conceitual. Deusdará e Rocha (2015) trazem um capítulo que tem como objetivo criar um debate teórico sobre o termo segundo a AD. De acordo com os autores,

[...] grande parte das tradições da ciência moderna concorre para um apagamento da vinculação do pesquisador com o campo sócio-histórico. Essas tradições pretendem exercer sobre o pesquisador a impossível convocação à neutralização desses vínculos, fazendo crer que o projeto de uma pesquisa se inicie apenas a partir do momento em que se tem o domínio de um quadro teórico, quando então se poderá passar à observação de um objeto. Deseja-se, com isso, ocultar as intuições, as angústias, os incômodos que levam alguém a buscar no desenvolvimento de uma pesquisa o desdobramento de uma questão. (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p.120)

Assim, faz-se necessário suspender o conceito de “coleta de dados” a fim de encarar o *cópus* como uma construção, que leva em conta alguns dos gestos trabalhados nesta monografia, como “pesquisa-intervenção” e a ideia de que a pesquisa se constrói durante o caminhar do pesquisador na entrada no campo e de acordo com “a complexidade de forças em embate no plano da experiência”, conforme explicitam Deusdará e Rocha (2021, p.119). Portanto, construir um *cópus* pode ser entendido a partir da seguinte metáfora: “passagem do plano de teorização para uma paisagem em movimento” (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p.119).

A fim de compreender melhor esse processo de construção do *cópus*, contei com a leitura das pistas da obra *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015) que foram de grande importância para as decisões tomadas ao longo da pesquisa. Embora tenha existido um objetivo inicial, que era olhar para a ideia de práticas discursivas e suas nuances nas produções acadêmicas, houve um movimento importante que se constituiu a partir da experimentação. Isto é, na própria construção do *cópus* o meu olhar passou a ser direcionado

² Fonte: <https://dicionario.priberam.org/corpus>;

para questões que antes não haviam sido levantadas, mas que em um determinado momento, passaram a ser cerne da minha atenção, especialmente na riqueza polissêmica e de abordagens teóricas do termo Discurso. Inclusive, entender o meu tônus atencional só foi possível pela leitura crítica desta obra durante o meu percurso.

Um dos primeiros elementos trabalhados foi o da “suspensão”. Esse conceito é de extrema importância para a compreensão dos gestos que serão descritos a partir de agora. Além disso, é importante também para delimitar esse acompanhamento da construção do córpus. Segundo Kastrup (2015),

O conceito de suspensão foi formulado por E. Husserl no contexto do método da redução fenomenológica, que significa a colocação entre parênteses dos juízos sobre o mundo. A suspensão constitui uma atitude de abandono, ainda que temporário, da atitude recognitiva, dita natural pela fenomenologia. Trata-se de uma suspensão da política cognitiva realista, onde o conhecimento se organiza a partir da relação sujeito-objeto. (p.37)

E, portanto, a partir desse conceito, a reorganização dos objetivos centrais da pesquisa PIBIC foi necessária para que as pesquisadoras envolvidas no processo pudessem estabelecer as suas metas e caminhos conforme a entrada em campo, e conforme também, a relação de subjetividade presente nesse processo.

Assim, a abordagem teórico-metodológica da cartografia foi de grande ajuda nesse processo também de autoconhecimento acerca do conceito da atenção, que nesse momento é resignificado. Afinal, o que as esferas sociais, principalmente a escola, considera como atenção padrão é aquela focalizada, em que o aluno deve se concentrar em somente um ponto e a partir disso estabelecer sua análise. No entanto, na cartografia, esse conceito passa a ser visto de uma outra maneira.

A atenção a si é, nesse sentido, concentração sem focalização, abertura, configurando uma atitude que prepara para o acolhimento do inesperado. (...) Algumas [experiências] concorrem para modular o próprio problema, tornando-o mais concreto e bem colocado. Assim, surge um encaminhamento de solução ou uma resposta ao problema. (KASTRUP, 2015, p.39)

Portanto, houve aqui um movimento de suspensão em relação a três questões fundamentais que marcaram a minha caminhada. O primeiro movimento diz respeito ao próprio conceito de atenção que passou a ser encarado como o que foi observado na citação

acima: concentração sem focalização, pois parte de uma proposta em que o cartógrafo poderá olhar - por vezes, de modo fragmentado - para as experiências que vão surgindo.

O segundo movimento de suspensão ocorreu em relação à produção do meu *cópus*. Há dois anos atrás, vivi o desafio de estudar as bases de dados e saber como elas funcionam. Esse questionamento foi super importante para entender como seria possível investigar os dados que me fariam compreender a relação entre Discurso e Educação Superior. Dessa maneira, foi preciso estudar e conhecer mais sobre as bases de dados disponíveis para saber a diferença entre elas e selecionar aquela que iria ao encontro do objetivo inicial da pesquisa PIBIC. Para isso, investigamos atentamente Scielo, Google Acadêmico, Capes Periódicos, Minerva e BDTD.

Assim, a escolha da BDTD se deu por dois motivos. A primeira se configura na ideia de que as produções ali presentes, por se tratarem de teses e dissertações, estão menos submetidas às conformações exigidas pelas publicações de artigos em revistas reconhecidas. E por isso, tem-se o segundo motivo: justamente por trabalhar com teses e dissertações foi possível ter acesso aos laboratórios de pesquisa. Ou seja, entender a linha e o processo de pesquisa de cada autor para dessa forma analisar com maior profundidade o entrecruzamento dos termos educação superior e discurso, acessando as práticas discursivas nas produções dessas pesquisas no Brasil em nível de pós-graduação *stricto sensu*.

E o terceiro movimento de suspensão tem a ver com o próprio conceito de discurso e Análise do Discurso (que será mais desenvolvido na próxima sessão). No início da minha caminhada, a ideia de prática discursiva ainda estava muito relacionada a uma significação baseada na produção textual, mas conforme o *cópus* foi sendo construído, percebi que o termo era utilizado de maneiras diferentes, por autores diferentes, e o seu uso, dentro das produções científico-acadêmicas, despertou a minha curiosidade.

Resta importante ressaltar que o conceito de suspensão, juntamente a uma análise da atenção do cartógrafo, não deve ser lido como sinônimo para abandono permanente, mas como já fora explicitado um abandono temporário. Não houve aqui uma tentativa de anular o plano inicial, mas sim uma abertura do campo de visão para que dessa forma o objeto pudesse ser observado de maneira ampla a partir do campo que estava se formando. No entanto, não é sobre observar simultaneamente tudo o que vem sendo projetado, mas compreender o processo e a necessidade de pouso dentro do território explorado.

Portanto, há que haver cuidado, pois, como afirmou Freud, a suspensão deve garantir que, no princípio, tudo seja digno de atenção. Mas para Freud a

atenção flutuante segue com o ajuste fino da sintonia inconsciente. São as manifestações do inconsciente que despertam a atenção aberta do analista, suscitando o gesto de prestar atenção. A abertura da atenção do cartógrafo também não significa que ele deva prestar atenção a tudo o que lhe acomete. (KASTRUP, 2015, p.39)

Ainda sobre a pista da atenção, que esteve tão presente ao longo de todo o processo, apresentarei quatro gestos na relação dessa pista com a construção da pesquisa:

1) Rastreio: este é o momento de varredura do campo. Este gesto marca a primeira entrada em campo a fim de observar o “alvo” e saber como ele se configura. Aqui se deu a entrada na base de dados BDTD e a construção do cópús que ocorreu pelo entrelaçamento dos descritores Educação Superior, discurso/práticas discursivas e permanência. Este gesto de visualizar os resultados das teses e dissertações foi de extrema importância para os movimentos posteriores.

“O rastreio é um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel. Nesse sentido, praticar a cartografia envolve uma habilidade para lidar com metas em variação contínua. Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. [...] Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo.” (KASTRUP, 2015, p.40)

2) Toque: o segundo gesto me possibilitou assegurar o rigor do método. Foi a partir do toque que se deu o primeiro processo de seleção. No momento anterior observamos o campo formado; aqui eu pude entender as diversas possibilidades de análise a partir dos trabalhos selecionados. Com os resultados encontrados na entrada no campo, elaboramos uma planilha de análise e observamos quais seriam as informações relevantes para esta pesquisa e com quais dados trabalharíamos. A partir desses resultados montamos uma outra planilha, dessa vez somente com a quantidade refinada dessas ocorrências. Ou seja, quais teses e dissertações de fato trabalhavam com a união do Discurso e Educação Superior. Assim, reunimos duzentos trabalhos nos anos de 2014 a 2020.

“O toque pode levar tempo para acontecer e pode ter diferentes graus de intensidade. Sua importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado. Através da atenção ao toque, a cartografia procura assegurar o rigor do método sem abrir mão da imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento, que constitui uma exigência positiva do processo de investigação *ad hoc*.” (KASTRUP, 2015, p.43)

3) Pousar: o terceiro gesto se deu pela reconfiguração do campo de observação. Aqui os autores trabalham com a metáfora de janelas, que pode ser entendido como as respectivas etapas presentes no processo de análise dos dados coletados/construídos. Há a distinção de cinco janelas: 1) jóia, que significa uma janela micro, ou seja, uma leitura minuciosa do problema. 2) janela-página, que é a entrada no campo perceptivo. 3) janela-sala, que é a atenção dividida. 4) janela-pátio, que marca as atividades de deslocamento e orientação. 5) janela-paisagem, janela panorâmica. Segundo os autores, nesse tipo de janela há a capacidade de observar tanto o que está próximo, como o que está distante, e assim, conectar os elementos de modo mais rápido. Portanto, o pousar funciona como o zoom, já que o campo analisado se fecha. A ideia das janelas, proposta por Vermersch, simboliza esse processo. Dessa forma, após analisar os duzentos trabalhos, foi possível criar uma segunda planilha com informações que só se consolidaram depois de observar como o discurso se manifestava. Nessa planilha, que será explicada com maior exatidão no capítulo seguinte, reuni informações que me atravessaram, além das dúvidas e questionamentos que foram sendo formuladas ao longo do meu amadurecimento no universo da Análise do Discurso.

“O gesto de pousar indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala. Segundo Vermersch (2002a), mudamos de janela atencional. [...] A janela constitui uma referência espacial, mas não se limita a isso. Significa, antes de tudo, uma referência ao problema dos limites e das fronteiras da mobilidade da atenção. A tônica do conceito é a dinâmica da atenção, visto que há mobilidade no seio de cada janela e também passagem de uma janela para outras, que coexistem com a primeira, embora com um modo diferente de presença.” (KASTRUP, 2015, p.43)

4) Reconhecimento atento: por fim, o quarto e último gesto se deu a partir da construção do meu conhecimento como pesquisadora. Ou seja, os resultados obtidos após a análise do corpus segundo a reconfiguração do território que ocorreu nos gestos anteriores. A distinção feita entre reconhecimento atento e reconhecimento automático nos mostra como o cartógrafo encara o objeto após todas as etapas aqui descritas. O pesquisador, portanto, não está representando um objeto, mas representando o processo do estudo do objeto. Assim, faz-se necessário abrir mão do que chamamos de reconhecimento automático a fim de produzir conhecimento em toda a trajetória de pesquisa. Deste modo, enquanto o corpus foi sendo construído, houve um olhar atento para cada questão que surgiu no caminho, o campo sofreu modificação e se reconfigurou em vários momentos, e novas questões foram

levantadas conforme a leitura dos trabalhos. Vale lembrar que não só o campo se reconfigurou, mas observa-se também a subjetividade de quem produziu esse discurso, isto é, a pesquisa-intervenção se dá exatamente dessa maneira: em relação ao objeto e também do próprio pesquisador.

Bergson afirma que o reconhecimento atento tem como característica nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos singulares. A percepção é lançada para imagens do passado conservadas na memória, ao contrário do que ocorre no reconhecimento automático, em que ela é lançada para a ação futura. (KASTRUP, 2015, p.45)

Portanto, o reconhecimento atento pode ser entendido “como uma espécie de ponto de interseção entre a percepção e a memória” (KASTRUP, 2015, p.46). Ou seja, a partir de uma imagem de circuitos, em que o filósofo francês Henri Bergson utiliza para demonstração dessa junção, há um encontro entre a percepção e memória através da conexão sensorio-motora. Segundo Bitterbier (2011), “Reconhecer atentamente não é apenas lembrar-se, é retornar ao objeto ‘reconstruindo-o’, é uma recriação na medida em que as lembranças voltam ao objeto enriquecendo a percepção que temos dele (p.88)”.

A imagem de circuitos simboliza de maneira muito eficiente e prática a inversão proposta pelos autores da obra em análise. A construção do *corp*us, o reconhecimento do objeto e a percepção sobre o objeto de estudo não aconteceu de modo linear. A cada entrada em campo, a cada tese e dissertação e a cada leitura nova, o conceito de discurso foi ganhando contornos importantes. E ter como base a leitura da obra “Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade” desde o início me possibilitou acompanhar de maneira mais consciente esse processo de pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.

Nesse sentido, pensar nessa pesquisa-intervenção é pensar também na ideia de que não há uma neutralidade no discurso produzido. Segundo os autores da obra em análise, “todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc.” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015, p.19).

Por isso, o meu objetivo na construção do *corp*us de análise não é colher dados, mas produzir dados. A pista 1 do livro (p.17-31) trabalha exatamente com esse conceito, que é desnaturalizar esse processo através da suspensão de conceitos que o senso comum determina e apresentar um modo de encarar o método, que é partir da pesquisa-intervenção. Assim,

compreende-se o plano de forças que atua na pesquisa. Não há, portanto, como separar o pesquisador da pesquisa, já que um só se constitui a partir do outro.

(...) conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção. (PASSOS; BARROS, 2015, p.30-31)

A cartografia, dessa forma, foi a minha aliada nesses dois anos de estudo. Quando a obra “Análise Cartográfica do discurso”, dos autores Bruno Deusdará e Décio Rocha foi lançada, em 2021, tive uma maior convicção do caminho que resolvi trilhar. Ademais, o livro trazia questões que nos permitiam construir respostas para indagações que foram surgindo ao longo da pesquisa acerca do campo específico do discurso. Por isso, a próxima sessão tem como objetivo trazer algumas reflexões e contribuições dessa leitura, tanto para a pesquisa original, quanto para o aprofundamento feito neste trabalho monográfico.

2.2 Análise Cartográfica do Discurso - Tinha um livro no meio do caminho, no meio do caminho tinha um livro

A obra “Análise Cartográfica do Discurso: temas em construção”, dos autores Décio Rocha e Bruno Deusdará, foi lançada em 2021, um ano após a minha “entrada no território” no projeto de Iniciação Científica. A leitura desse livro, em companhia das teses e dissertações que compõem o meu cópuz, fez com que o meu olhar sobre o discurso ganhasse um novo direcionamento. Mais uma vez, percebi que a atenção, aquela descrita nos tópicos anteriores como flutuante, pousou em aspectos que antes ainda se mostravam imprecisos e confusos. Além das respostas, também formulei novas perguntas que me ajudaram a compor este trabalho.

É válido ressaltar que essa obra é produzida por estudiosos da linguagem, diferente da anterior, que foi produzida por estudiosos da área da psicologia, embora ambas estejam relacionadas às articulações da filosofia da diferença e da cartografia. Aqui, há um conjunto de questões que se articulam diretamente com a linguagem e acerca do discurso, e, portanto, as discussões que se criam, giram em torno desse tipo de análise e respondem a alguns questionamentos que atravessam o universo da linguagem; enquanto a outra, perpassa questões da área da psicologia, filosofia e outros saberes das ciências humanas.

Logo no início da obra, os autores mostram, através de uma analogia fascinante, que cartografia é sobre “abrir horizontes”. Isto é, explorar, sem culpa e sem pressa, o que esse vasto campo tem a oferecer. Portanto, explorar as fronteiras cartográficas da Análise do Discurso nos leva a refletir, em um primeiro momento, sobre as significações desse termo e como as mais diversas produções acadêmico-científicas encaram essa área. Os autores resgatam a “origem” transdisciplinar dos estudos do discurso e afirmam a relevância dessa abordagem, que possibilita análises complexas de fenômenos complexos.

Esse questionamento surgiu, principalmente, quando observei que os autores dos trabalhos selecionados no cópua encaravam de maneiras diferentes o termo discurso, e conseqüentemente, utilizavam-no de maneiras distintas dentro dos seus trabalhos, de diversas áreas. Porém, antes de aprofundar um pouco mais sobre os nomes que apareceram nos resultados, vale mencionar a conexão e os desdobramentos acerca da interseção entre produção textual e aspecto sócio-histórico.

... discursos, tais como os vemos, são objetos teóricos, construídos a partir da correlação entre os textos e o entorno sócio-histórico. Discursos são, assim, construções que se valem da desnaturalização do vínculo entre produção textual e produção social.” (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p.29).

Conforme a citação acima, e fazendo um paralelo com o que Eni Orlandi (2009) chama de discurso, este conceito deve ser entendido através da seguinte metáfora: “palavra em movimento”. Diferentemente da dicotomia saussuriana língua x fala, percebe-se no discurso as diferentes maneiras de entender a língua no mundo. Isto é, um objeto sócio-histórico. Por essa razão, não é possível dissociar a produção textual das questões de historicidade que cercam determinado texto. Esse conceito inicial foi de suma importância para compreender como a linguística age dentro do estudo da Análise do Discurso. E entender também que estamos a todo momento falando de práticas discursivas, e por isso, a linguagem e a produção social não devem estar divorciadas.

Assim, as obras “Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade” e “Análise Cartográfica do Discurso”, e o debate teórico-metodológico que cerca essas duas análises, nos fizeram compreender dentro da pesquisa de Iniciação Científica, o seguinte questionamento sobre a construção do corpus: “estamos de fato habitando um território?”. E, portanto, conclui-se que sim, pois a partir do conceito de práticas discursivas é possível trabalhar com o plano de forças que cercam as produções das teses e dissertações sobre Educação Superior e o seu entrelaçamento com as questões de permanência, além do próprio uso do termo “discurso” nas produções científico-acadêmicas de diversas universidades brasileiras.

Para contemplar essa análise sobre os diferentes olhares acerca da AD, os autores (DEUSDARÁ, ROCHA, 2021) travam uma discussão teórica sobre dois grupos, entendendo-os numa lógica de dualidade, ou seja, um não exclui o outro, ou ainda, se diferenciam em possível (e para os autores, desejável) complementaridade: 1) Analistas do discurso; 2) Teóricos do discurso. Na obra “Discurso e Análise do Discurso” do linguista francês Dominique Maingueneau, percebe-se que há uma lógica de compreensão dicotômica. A divisão criada por ele busca contemplar esses movimentos diversos que ocorrem dentro do estudo do discurso, ou também, pode-se falar em uma heterogeneidade do discurso. No entanto, para compreender esses dois grandes grupos, vale traçar um breve resumo do surgimento da AD.

A Análise do Discurso teve seu auge na década de 60, sobretudo na França. Mas como Maingueneau (2015) menciona em sua obra, atualmente a AD está inserida em um espaço globalizado, e portanto, as problemáticas existentes vão além dessa que foi criada na França. O termo “análise do discurso”, introduzido por Zellig S. Harris, apareceu em um primeiro momento para designar uma unidade linguística constituída de frases, mas posteriormente, ao longo do século XX, em um movimento conhecido como “virada linguística”, reconfigurou-se o interesse da filosofia, e de outros campos, por questões ligadas à linguagem.

E assim, outros autores, como por exemplo Michel Pêcheux, que tem sua análise apoiada no materialismo histórico, na linguística e na psicanálise, e Michel Foucault, que dedicou-se às relações de saber e poder, trouxeram um novo olhar para os estudos do discurso. A partir desse movimento presente no século XX, tornou-se necessário compreender como os diferentes autores abordavam os estudos do discurso, chegando aos dois grandes grupos mencionados: os teóricos do discurso e os analistas do discurso.

Os teóricos do discurso são aqueles que questionam determinados pressupostos presentes nos saberes das ciências humanas e sociais. Ou seja, lançam mão de teorias do discurso e, dessa forma, manifestam o interesse pelo discurso na realidade sócio-histórica. Conclui-se, portanto, que Foucault pertence a esse grupo, assim como outros nomes: Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, Judith Butler, etc.

O grupo dos teóricos não é um dos interesses de Maingueneau; seu olhar recai sobre o grupo seguinte: os analistas do discurso. Pode-se dizer também que esses podem ser encarados pelo linguista como os “verdadeiros”. Estes pesquisadores são descritos como aqueles que estudam “corpora”, isto é, trabalham com a materialidade linguística. E para contemplar de maneira mais eficiente esse grupo, Maingueneau (2015) divide em dois tipos. O primeiro pode ser entendido como uma “caixa de ferramentas no vasto conjunto de *métodos quantitativos*” (p.32). Eles fazem parte do que chamamos de “análise de conteúdo”.

Bardin (1977) distingue esses dois saberes: o estudo da linguística e a análise de conteúdo. Esse paralelo é importante, pois contempla o que o Maingueneau (2015) encaixa nesse primeiro tipo de analista do discurso, isto é, “a realidade fora da língua” (p.32). Observa-se abaixo um trecho que mostra essa diferença entre os dois saberes aqui postulados.

O objecto da linguística é a língua, quer dizer, o aspecto colectivo e virtual da linguagem, enquanto que o da análise de conteúdo é a palavra, isto é, o aspecto individual e actual (em acto) da linguagem. [...] É o trabalhar a palavra e as significações que diferencia a análise de conteúdo da linguística, embora a distinção fundamental resida noutro lado. A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens. (BARDIN, 1977, p.43-44)

Acerca de uma segunda análise sobre os discursivistas, tem-se o grupo dos canônicos. Aqui entende-se o pesquisador como aquele que constrói e trabalha com o seu *cópus* através de análises no campo das ciências da linguagem. Deusará e Rocha (2021, p.37), e baseado no estudo de Maingueneau, destacam que nesse grupo há três objetivos importantes a serem levados em consideração: 1) responder a uma questão estritamente discursiva; 2) responder a problemas sociais; 3) questionar outros campos do saber.

Entende-se que a Análise do Discurso nasceu de um campo transdisciplinar, como já fora mencionado. No entanto, o conceito da análise cartográfica do discurso se filia ao estudo da filosofia da diferença, proposto pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Jacques Derrida e contempla olhares de alguns outros nomes como Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Michel Foucault. E a análise cartográfica surge também como uma forma de não vincular mais os estudos da AD de forma geográfica, isto é, das correntes que carregam consigo uma categoria espacial, como “análise do discurso francesa”, ou até mesmo “análise do discurso anglicana”, mas, sobretudo, subdividir-se a partir de uma orientação epistemológica. Importante também reafirmar a visão de articulação e complementaridade que os autores Rocha e Deusdará defendem entre as teorias do discurso e a Análise do Discurso.

III. POLISSEMIA DO TERMO DISCURSO - CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO CÓRPUS

Cabe a este capítulo mostrar como se deu o processo de construção de córpus, as etapas que nos levaram a alguns resultados e compreensões importantes na pesquisa de IC e o desenvolvimento das análises nas quais se baseia este trabalho monográfico.

Sendo assim, dividirei este capítulo em dois tópicos: o primeiro para falar sobre a análise quantitativa feita com os dados que obtivemos em nossa pesquisa de IC pela BDTD. E o segundo, que é o meu foco neste trabalho, para a análise qualitativa dos resultados encontrados, então, abordarei em 3.2 os olhares sobre o termo “discurso” encontrados nas produções científicas de pós-graduação do país.

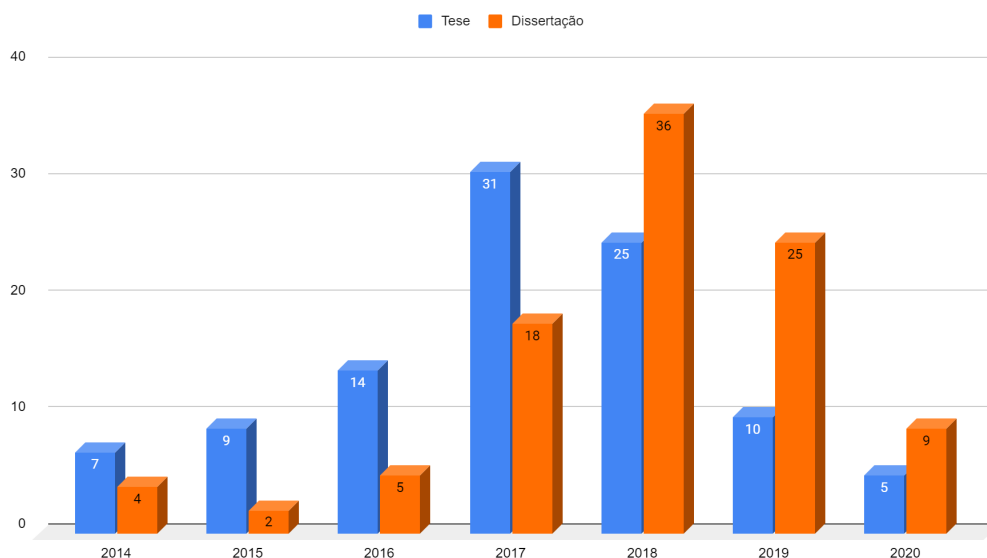
3.1. Análise de gráficos - análise quantitativa

Conforme fora explicitado na introdução deste estudo, a escolha da BDTD se deu pelo fato dessa base de dados trabalhar com teses e dissertações, o que possibilitou durante toda a pesquisa compreender de forma mais ampla a trajetória dos pesquisadores dos trabalhos selecionados, e assim, entender também como o descritor discurso se configura em diversos trabalhos, de diversas regiões brasileiras e de diversas áreas do conhecimento, além de compreender as abordagens utilizadas por cada autor.

Em um primeiro momento, fizemos a varredura do campo. Isto é, registramos em uma planilha todos os resultados encontrados dos seguintes descritores “Educação Superior” AND “discurso”; “Educação Superior” AND “práticas discursivas”, “Educação Superior” AND “permanência” AND “discurso”. Esses resultados foram separados por Instituição e a quantidade de trabalhos por instituição foi separada por ano, no caso, com o recorte temporal de 2014 a 2020. No entanto, percebemos que nem todos esses resultados iam ao encontro do que estávamos buscando, que é o entrelaçamento dos descritores mencionados. Por essa razão, iniciamos a análise e leitura dos resumos a fim de registrar somente aqueles que de fato mostravam a união dos assuntos que gostaríamos de abordar na pesquisa de IC. Dessa forma, chegamos ao quadro da quantidade refinada, agora com mais detalhes sobre cada trabalho.

As categorias que foram estudadas neste momento foram: 1) Tipos de documento; 2) Descritores; 3) Áreas disciplinares; 4) Região do país; 5) Relação entre as áreas e as regiões do Brasil. Tendo como resultado, 200 trabalhos nesta etapa de quantidade refinadas, encontramos os seguintes dados.

Figura 1 - Tipo de documento (2014 - 2020)

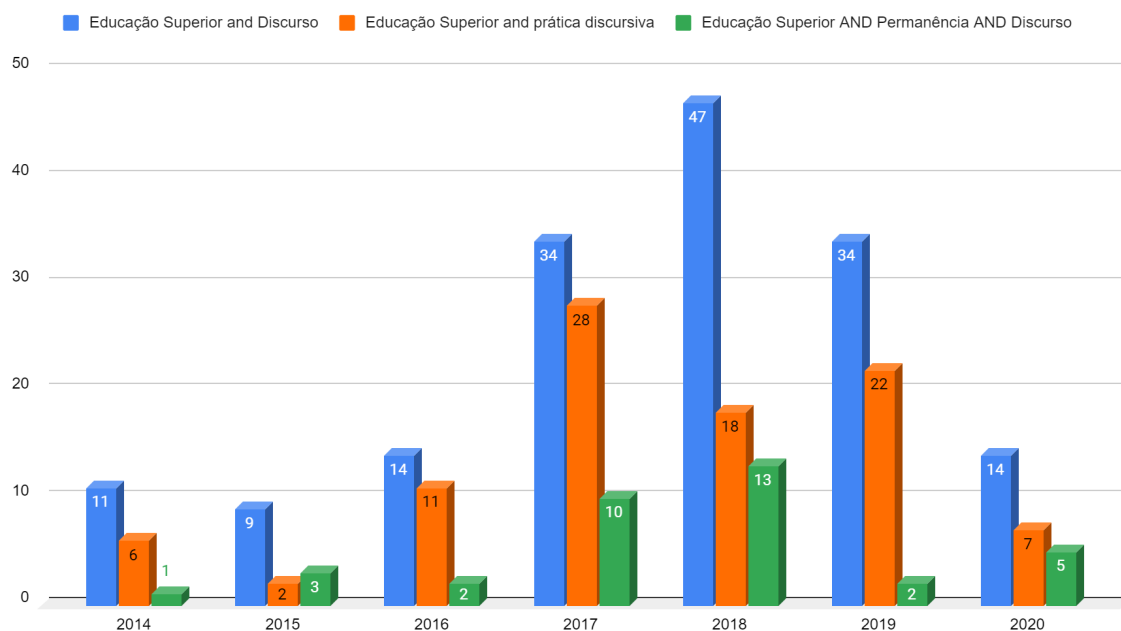


Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Embora este trabalho se concentre em uma análise qualitativa, o olhar quantitativo quanto às categorias estudadas nos gráficos nos possibilitou conhecer melhor os trabalhos que foram encontrados por esses descritores. Na figura 1, por exemplo, nos faz perceber o maior número

de produções nos anos de 2017 e 2018, e em seguida, uma queda, que pode ter sido causada pela pandemia de covid-19.

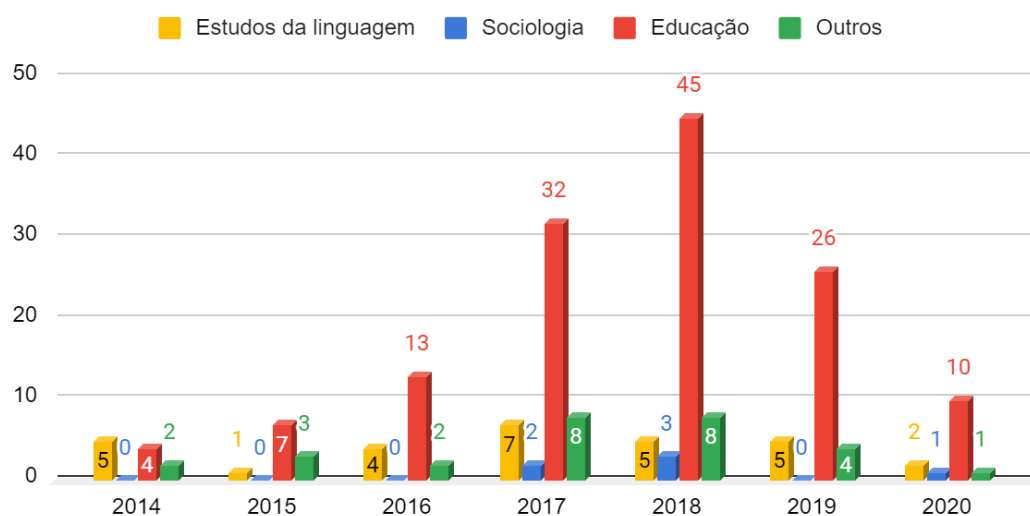
Figura 2 - Gráfico dos descritores (2014 - 2020)



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Já na figura 2, que mostra o gráfico do resultado dos descritores, percebe-se que “Educação Superior” AND “Discurso” possui um número superior quando comparado aos outros dois, principalmente o que possui “permanência”. Essa questão foi analisada pelo meu grupo de pesquisa e chegamos a uma hipótese de que embora esse descritor não tenha resultados tão significativos como os outros, os conteúdos abordados nessas teses e dissertações demonstram um novo perfil universitário, ou seja, aqueles grupos que por muito tempo não estavam presentes no espaço acadêmico, começaram a compor um plano de forças importante, e assim, falar desses discursos relacionados à raça, etnia, gênero, e outros é falar também da permanência dentro da Educação Superior. E relacionando ao gráfico anterior (Figura 1), em que há um crescimento em 2018 e 2019, percebe-se o que Ristoff (2012) diz acerca da lei 12.711/12, Lei de Cotas, afirmando sua relação direta com a alteração do perfil socioeconômico dos estudantes da graduação.

Figura 3 - Gráfico das áreas disciplinares (2014 - 2020)

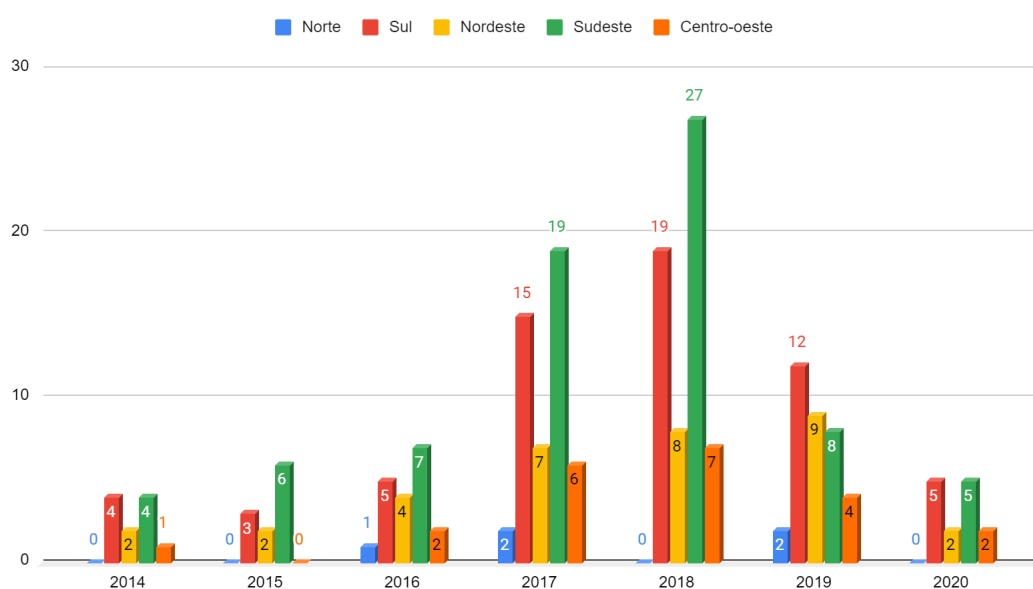


Fonte:

Elaborado pelas autoras, 2022.

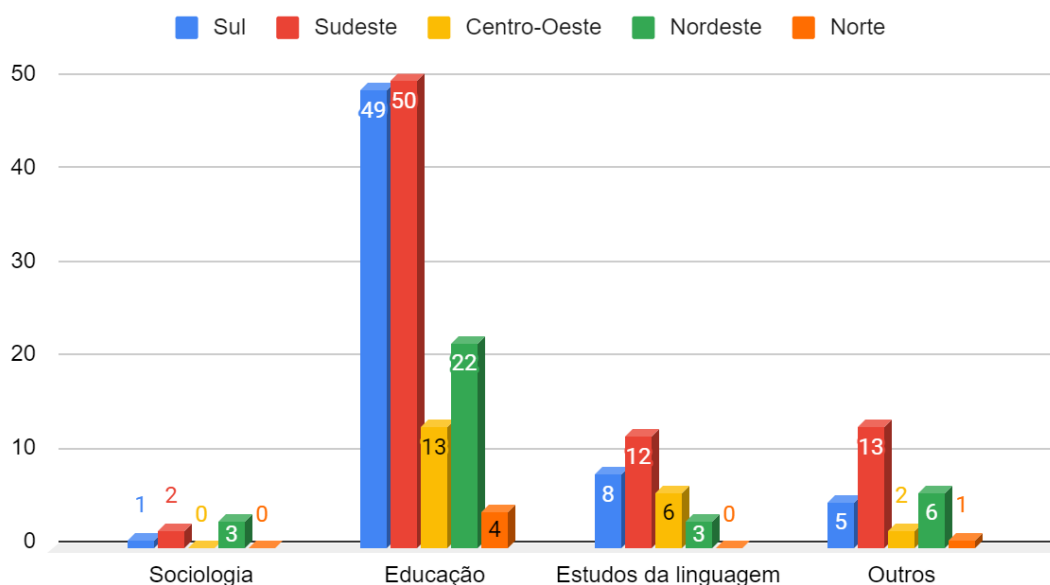
Na figura 3, o gráfico mostra as áreas disciplinares que compõem esses 200 trabalhos. É evidente que a grande maioria faz parte da área da Educação, enquanto as outras duas divisões feitas representam os estudos da linguagem e a Sociologia. E a categoria de “outros” engloba algumas outras áreas que se apresentavam em um número menor, como Direito, Antropologia, Administração, Psicologia, etc.

Figura 4 - Gráfico das regiões brasileiras (2014 - 2020)



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Figura 5 - Gráfico de Região e Áreas disciplinares (2014 - 2020)



Fonte: Elaborados pelas autoras, 2022.

Na figura 4, analisamos as regiões em relação aos anos de produção. No gráfico, percebe-se que as produções se concentram em grande parte nas regiões Sul e Sudeste, enquanto nas outras, principalmente, na região norte, quase não tivemos resultados. Por fim, há a figura 5, que representa a união das regiões com as áreas disciplinares, com o objetivo de compreender quais eram as áreas que mais apareciam nas regiões brasileiras.

Com a análise desses dados, foi possível conhecer um pouco mais o território que estávamos habitando, além disso, entender de forma mais categórica como essas teses e dissertações se manifestaram. Foi uma etapa muito importante para o que será detalhado a seguir, que representa o foco desta monografia: a análise do termo “discurso” nas produções que cercam as pós-graduações de acordo com os dados da BDTD nos anos de 2014 a 2020, a partir dos descritores já apresentados.

3.2. A polissemia e os usos variados do termo “discurso” nos estudos sobre Educação Superior

Uma das contribuições fundamentais da leitura de Deusdará e Rocha para a pesquisa PIBIC e para a pesquisa em tela foi quanto à problematização inicial em sua obra acerca da ideia do discurso como puramente um objeto empírico, ou seja, afirmam que na perspectiva

dos estudos do discurso não há um objeto dado, como se fosse um sinônimo de “texto” ou “alocução”. E antes desta leitura chegar em minhas mãos, esse questionamento já havia sido lançado logo nas primeiras análises dos resultados do corpùs que estava se formando. Os autores dessas produções (dissertações e teses) enxergam a ideia de discurso de maneiras distintas, alguns entendendo o termo dentro do próprio estatuto do texto, outros encarando como o discurso de diferentes identidades presentes no Ensino Superior, como “... discurso dos concluintes de cursos de licenciatura em Educação Física no Triângulo Mineiro”. E por fim, havia os trabalhos que utilizavam alguma filiação da AD, e reservavam um capítulo de seu trabalho para esse debate teórico. Questões a serem abordadas neste capítulo.

Retomando à Figura 3 - Gráfico das áreas disciplinares (2014 - 2020), lembramos que majoritariamente os trabalhos estão na área da Educação, seguida, com grande diferença, das áreas dos Estudos da Linguagem e da Sociologia. Essa informação não explica o que passaremos a mostrar, mas parece importante ressaltar que estamos diante do uso dos termos discurso e prática discursiva como ferramentas conceituais e metodológicas de pesquisa que estão sendo mobilizadas em áreas que não necessariamente se circunscrevem nos Estudos da Linguagem.

Dadas as recorrências da polissemia do termo discurso e a variedade de abordagens teórico-metodológicas que encontramos nos duzentos trabalhos selecionados, construímos novas tabelas com as seguintes categorias inspiradas na combinação entre as contribuições que o livro *Análise Cartográfica do Discurso* trouxe e como os próprios autores entendiam e nomeavam seus trabalhos. Então, de forma concomitante, por um lado mapeamos as seguintes categorias de abordagens relativas ao uso do termo discurso: Objeto Empírico/Alocução, Análise do Discurso, Teoria do Discurso; e por outro, os principais autores mobilizados nas Análises do Discurso e nas Teorias do Discurso.

A tabela abaixo reúne as análises feitas ao longo dos anos de pesquisa. Vale ressaltar que o objetivo não é determinar as abordagens utilizadas pelos autores de maneira definitiva, mas entender como cada autor categorizou o seu próprio estudo a partir do campo do discurso, e a partir dessa análise individual, agrupá-las a partir das leituras que me acompanharam. Reforçando, cabe a este espaço a análise dos diferentes modos de abordagem segundo as seguintes categorias: 1) Teoria do Discurso; 2) Análise do Discurso; 3) Objeto empírico / Alocução.

ANO	TEORIA DO DISCURSO	ANÁLISE DO DISCURSO	ANÁLISE DO DISCURSO / TEORIA DO DISCURSO	OBJETO EMPÍRICO / ALOCUÇÃO	ANÁLISE DO DISCURSO / TEORIA DO DISCURSO / ALOCUÇÃO	TOTAL
2014	3	4	3	1	-	11
2015	1	2	2	6	-	11
2016	5	3	5	6	-	19
2017	7	22	4	16	-	49
2018	1	22	1	37	-	61
2019	1	12	3	18	1*	35
2020	3	5	1	5	-	14

Tabela 1 - Análise Qualitativa

A primeira adequação realizada, de acordo com as categorias pensadas inicialmente, foi a junção da Teoria do Discurso e Análise do Discurso. Isso ocorreu, pois observamos que em alguns trabalhos os autores utilizaram como abordagem autores considerados teóricos do discurso, e também, analistas do discurso, segundo a definição proposta por Deusdará e Rocha (2021). Abaixo um exemplo que demonstra essa união.

Ao considerar a linguagem como fato, a AD rompe com análises estruturais e propõe uma metodologia que seja construída pelo próprio analista, levando-o a colocar questões que devem ser confrontadas com os dados. Essa proposta de análise leva também o analista a compreender o processo de produção de sentidos, ou seja, como se configura o funcionamento do discurso disposto à análise, considerando a posição na qual os sentidos se produzem. A AD não se limita a analisar o corpus em si, mas busca inseri-lo em um contexto, ao levar em conta os aspectos histórico e social daquele que enuncia. [...] Levando em conta que a História apresenta essa dupla relação, a AD se coloca com a finalidade de explicar o funcionamento do discurso em suas conjunturas históricas, atravessado pela ideologia. Para tanto, lançamos mão da Análise do Discurso proposta por Michel Pêcheux, pois este teoriza que a forma material do discurso é ao mesmo tempo linguístico-ideológico e enraizada na História para produzir sentido. Pêcheux, na sua teoria, estabeleceu diálogos com outros pensadores, como Saussure, Michel Foucault, Althusser. Mas, segundo Gregolin (2006), os diálogos entre Pêcheux e Foucault propuseram “um novo olhar para o sentido, o sujeito e a História” (p.13). (PALÁCIO, 2015, p.21)

Reforço que o intuito dessas categorias para a análise não é de forma alguma criar precisões absolutas, afinal, esse é um olhar qualitativo. A análise quantitativa, por outro lado, pressupõe um movimento da constituição do real, enquanto na análise qualitativa abandonamos a ideia de que se deve buscar o que é exato, sobretudo quando se diz respeito à linguagem, um fato social.

Durante a análise, alguns nomes foram mais recorrentes, outros apareceram somente uma vez. Bakhtin, por exemplo, apareceu em 16 trabalhos. Em alguns deles em uma junção com outros pesquisadores, como por exemplo, “Análise de Conteúdo de Bardin e a Análise do Discurso bakhtiniano”, em outros apenas como “Análise Dialógica de Bakhtin”. Dessa forma, ele foi classificado como Análise / Teoria do Discurso, já que trabalha com uma materialidade linguística a partir dos seus estudos sobre gênero textual, mas também com a ideia de que o texto vai além da relação do que o Estruturalismo de Saussure propôs (a relação de *langue* e *parole*). Isto é, para Bakhtin, a produção do discurso corresponde a um aspecto social e singular.

Na Teoria do Discurso, o nome mais mencionado foi Michel Foucault, com 22 resultados. O filósofo foi abordado de maneiras distintas. Uma das abordagens feitas corresponde à tese “Inclusão de estudantes com deficiência na educação superior: efeitos na docência universitária”. Segundo a autora:

Este estudo, em consonância com a perspectiva foucaultiana, não tem a pretensão de juízos de valor, ou apontar o caminho verdadeiro, mas evidenciar o contexto universitário de uma sociedade neoliberal e os efeitos de verdade criados pela política de inclusão.” (PIECZKOWSKI, 2014, p.33)

Ou seja, nesta tese, em que o objetivo é mostrar os efeitos da inclusão de estudantes com deficiência na Educação Superior, Michel Foucault foi utilizado como suporte teórico para o debate. Assim como esse, os outros trabalhos utilizaram a abordagem foucaultiana como embasamento para a pesquisa.

A Análise Crítica do Discurso, de Norman Fairclough, também apareceu entre os duzentos resultados. Sem dúvidas, essas teses e dissertações encaixaram-se na categoria de Análise do Discurso, já que há uma materialidade linguística em questão nesse tipo de abordagem. Pode-se perceber essa concepção a partir do seguinte trecho:

Segundo Fairclough (2016) discurso, um termo abstrato, é o uso da linguagem como forma social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. O discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados. O discurso contribui para a construção das identidades sociais, das relações sociais entre as pessoas e do sistema de conhecimento e crenças. [...] Fairclough (2016) idealiza uma concepção tridimensional do discurso. Ele reúne três tradições analíticas: a primeira é a análise textual e linguística, oriunda da Linguística, a tradição macrossociológica de análise da prática social das estruturas sociais e a tradição microssociológica, que considera a prática social como algo que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum compartilhado.” (AROUCHE, 2020, p.76-77)

Após compreender e aceitar que esses resultados não podem ser categorizados de maneira padronizada, já que levei em consideração o entendimento de cada autor, surgiu uma dissertação, do ano de 2019, que abordou exatamente todas as categorias criadas. O trabalho em questão possui o seguinte título “Olhar para a diversidade: representações do professor pedagogo em formação.” Logo no resumo o autor diz que “o discurso dos acadêmicos foi tomado como objeto de estudo.” Isto é, discurso nesse caso como alocação, objeto empírico. No entanto, Martins (2019) reserva um dos capítulos para falar da Análise do Discurso:

Trazemos neste capítulo contribuições da Análise do Discurso, enquanto área de estudos da Linguística, para nos auxiliar na análise dos excertos selecionados, provenientes das entrevistas gravadas em áudio com os acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia. [...] Registramos aqui que nos baseamos em perspectivas teóricas pautadas principalmente em autores como Bakhtin (2006), Foucault (1999; 2008), Chauí (2008) e Orlandi (2009), com intuito de unir reflexões sobre o texto e a história, fundamentada na interdisciplinaridade. Para tanto, algumas dimensões precisam ser consideradas: o quadro no qual o discurso é produzido, pois este delimita a enunciação; os confrontos históricos e sociais solidificados no discurso; e o espaço particular que cada discurso ajusta para si em um interdiscurso. (MARTINS, 2019, p.25).

Nesse momento, ele fala das contribuições da Análise do Discurso, com base em Bakhtin, Foucault, Chauí e Orlandi. Por essa razão, percebe-se aqui uma necessidade de incluir as três categorias criadas. Assim, mostrando mais uma vez, que não há como buscar uma padronização entre os resultados, já que o termo polissêmico é introduzido em diversos trabalhos a partir de olhares diferentes.

IV. CONCLUSÃO

A pesquisa possibilitou um olhar acerca da polissemia do termo “discurso” no entrelaçamento dos seguintes descritores “Educação Superior, discurso/práticas discursivas e permanência”, a partir das leituras e do embasamento que se deu segundo a análise cartográfica. Com os resultados obtidos - 200 trabalhos, dentre eles, 99 dissertações e 101 teses, nos anos de 2014 a 2020 - foi possível construir dados quantitativos, e também, qualitativos.

Este estudo contemplou os principais gestos que compõem o método cartográfico. As pistas aqui trabalhadas e apresentadas foram de suma importância para traçar os movimentos acerca da análise dos 200 trabalhos, entendendo, assim, que a inversão proposta por Passos e Kastrup (2015) (*metá-hódos em hódos-metá*), - ou seja, seguir pistas que o caminho da pesquisa vai levantando, ao invés de ter estabelecido uma meta, um objetivo, e persegui-lo - seria ideal para esse tipo de estudo, que busca compreender a aparição do termo “discurso” entre os trabalhos que envolvem, em uma grande escala, os estudos na área das Ciências Sociais e Humanas, especialmente nos estudos da Linguagem.

Vale destacar, no que tange os temas abordados nos trabalhos, uma reflexão a respeito de um dos descritores utilizados nas buscas na BDTD: o termo “permanência”. Os resultados não foram tão significativos, em relação à quantidade, quanto os outros descritores utilizados. No entanto, pode-se entender que mesmo sem o aparecimento desse termo, a sua alusão pode ser recuperada se entendermos que a maioria dos trabalhos referia-se a políticas de democratização de acesso e as experiências vividas por estudantes negros, indígenas, mulheres (na discussão de gênero), de Pessoas com Deficiência, dentre outros. Ou seja, pesquisas relacionadas a um novo perfil universitário que estava adentrando a universidade ao longo dos anos (2014 - 2020); um novo plano de forças estava surgindo a partir de discursos de estudantes que antes da Lei 12.711/12 (Lei de Cotas) estava muito pouco presente nos espaços acadêmicos.

Assim, falar da polissemia do termo “discurso” vai além da análise puramente linguística, mas também da sua relação indissociável com a produção social, conforme o que foi explicitado por Deusdará e Rocha (2021, p.29).

Por termos um novo perfil universitário sendo traçado, pode-se compreender o porquê de ter a maioria dos trabalhos como alocações/objetos empíricos desses sujeitos alvo da Lei de Cotas, ou relacionado a eles. Essas teses e dissertações discorrem acerca da fala desses estudantes ou até mesmo do corpo docente que compõe as universidades brasileiras. Esses resultados são fascinantes, já que abrem margem para outras análises sobre o que é a Universidade e como ela vem mudando por razões históricas e políticas, sobretudo, no que diz respeito às relações de poder nessas abordagens sócio-discursivas.

Com isso, pode-se entender também a compreensão do filósofo Michel Foucault acerca do poder, não pela elaboração de uma teoria, mas de uma abordagem analítica do poder, de seu exercício contextual e inescapável nas relações; interessando-se particularmente pela microfísica do poder. Ao olhar para o indivíduo, há um olhar também para as relações e produções de saber e poder, que age, portanto, como uma prática social constituída historicamente (MACHADO, 2012). Por conseguinte, esta monografia também não possui neutralidade, e todo esse processo é constituído segundo a minha maneira de agir no mundo como pesquisadora.

Por último, e à guisa de uma conclusão que se abre para os próximos passos, importa ressaltar que os estudos do discurso, com toda sua amplitude de articulações teórico-metodológica, se mostrou poderosa abordagem para habitar/pesquisar o território da Educação Superior. Os estudos do discurso se mostram ferramentas capazes de cartografar a enorme complexidade da Educação Superior, sobretudo em sua dimensão de democratização e transformação provocadas pelo ingresso do novo perfil de estudantes que tanto tem potencializado a cultura universitária, mas que ainda apresenta, pela resistência institucional, vários desafios a serem enfrentados.

V. REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7 - Cartografar é habitar um território existencial. In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. p. 138.

AROUCHE, Ilza Léia Ramos. Letramentos críticos na formação inicial de Professores de Inglês como língua estrangeira. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, 2020. p. 76-77.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa edições, 70. 1977. 225 p.

BITTERBIER, Solange. PERCEPÇÃO E MEMÓRIA EM BERGSON: Um questionamento acerca das críticas sartrianas à Matéria e memória. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de São Carlos. 2011. 130 p.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 29 agos. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 01 jul. 2022.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. Análise Cartográfica do Discurso - temas em construção. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras. 2021. 395 p.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 25ed. São Paulo: Graal, 2012. p.7-34.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e Análise do Discurso. Tradução Sírio Possenti, 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial. 2015. 192 p.

MARTINS, Cristian Nesi. Olhar para a diversidade: representações do professor pedagogo em formação / Cristian Nesi Martins. 2019. p.25.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes. 2009. 100 p.

PORTAL - Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 26 jun. 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina. 2015. 207 p.

PALÁCIO, Lilian Pereira. *O discurso da reforma e seus efeitos no ensino superior: a estruturação curricular em cursos de Letras*. Tese - USP: São Paulo. 2015. p. 21.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Pista 1 - A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina. 2015. p. 30-31.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. *Inclusão de estudantes com deficiência na educação superior: efeitos na docência universitária*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria. 2014. p. 23.

RISTOFF, D. *Democratização do Campus Impacto dos Programas de Inclusão sobre o perfil da graduação*. Cadernos do GEA – n. 9 (jan./jun. 2016) – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA, UERJ, LPP, 2012.